

Diz Que é Verdade

Por Bárbara Albuquerque

Não são muitos os momentos em que há possibilidade de escape da monotonia do cotidiano. Quando a oportunidade se apresenta, ela se torna uma ocasião não apenas aguardada como também preciosa. É essa espera pela quebra com o ordinário que pauta o documentário *Diz Que é Verdade* (2019), realizado por Pedro Estrada e Claryssa Almeida.

O curta-documentário acompanha Alexandre e Suelen, dois desconhecidos que seguem seu cotidiano na espera de tal momento de liberdade, em seu caso uma ida a um videokê. Logo na sequência de abertura, a partir de planos nos quais os dois já aparecem arrumados e fazendo aquecimentos vocais, é estabelecida a expectativa presente em relação ao que está para acontecer. Entretanto, a ida ao local em si só se efetiva no final do documentário, com o foco indo para eventos que ressaltam a constante presença e importância da música na vida diária. Os realizadores priorizam um conjunto de encenações da rotina de Alexandre e Suelen, tanto em seus trabalhos quanto em suas casas, retratando momentos que deixam claro o afeto em relação às memórias que estão conectadas com a presença da música no dia a dia.

Um dos atrativos do filme é o modo com o qual ele faz com que o espectador se sinta parte do processo de preparação das pessoas para o momento final da ida ao videokê. Uma das estratégias que contribui para isso é a utilização da quebra da quarta parede, utilizada apenas em dois planos, nos quais Alexandre e Suelen, ao cantarem durante seus expedientes, olham na direção da câmera. Somente nesses planos e na sequência final, na qual os dois também cantam, é que realmente escutamos suas vozes. Talvez seja essa mínima presença das vozes no decorrer do documentário que deixa o espectador ansioso para realmente escutá-las, desejo que, no fim, é satisfeito.

É notável que poucas informações são compartilhadas sobre as vidas de Alexandre e Suelen, seus nomes não são nem mencionados no decorrer do documentário. Isso acaba contribuindo para a ideia de “anonimidade” que permeia o filme, fazendo com que a única coisa destacada seja o evento final. Esse retrato é feito com extrema cautela por Estrada e Almeida, que mostram cenas de convívio entre família, amigos e até animais de estimação, sem atribuir um caráter negativo à ideia do habitual, mas mostrando-o como algo essencial. Os realizadores parecem trabalhar com o ponto de vista de que um momento de liberdade é algo que agrega, mas não é a única fonte de alegria e conforto. Ele não preenche um vazio, mas faz com que algo transborde.

O retrato feito por Pedro Estrada e Claryssa Almeida revela o ambiente do videokê como livre de inibições, onde Alexandre e Suelen podem se conectar com outras pessoas e consigo mesmos.